

Mundos do trabalho em Santa Catarina, volume: II*

João Henrique Zanelatto, Giovana Ilka Jacinto Salvaro (Organizadores). – Criciúma, SC: Ediunesc, 2024.

Lucas de Castro Itapoan da Costa**

O segundo volume da coletânea Mundos do trabalho em Santa Catarina expressa a continuidade do esforço acadêmico sul catarinense em compreender e trazer à tona as relações trabalhistas de Santa Catarina em uma perspectiva crítica, servindo como um canal de resistência científica e, também, de classe. Não é um livro isento, não porque busca um posicionamento a priori, mas sim por que as experiências aqui compartilhadas atuam indissociavelmente na consciência dos acadêmicos e acadêmicas autores e, também, na consciência dos trabalhadores e trabalhadoras de suas respectivas pesquisas. Portanto é também um livro político que se posiciona contra as políticas neoliberais que precarizam as relações trabalhistas e marginalizam a classe trabalhadora.

Essas relações, cada vez mais complexas, sugerem um panorama líquido em sua caracterização, mas sólido em sua estrutura: no mundo flexível das relações trabalhistas atuais, a única permanência e certeza é o avanço dos interesses do capital hegemônico cada vez mais concentrado, que precariza as relações trabalhistas e vulnerabiliza o corpo e mente de trabalhadores em todas suas formas e categorias, do operário fabril ao “empresário de si mesmo”, por vezes cego de sua classe.

Para isso, os discentes e docentes do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Socioeconômico da Universidade do Extremo Sul Catarinense (Unesc) demonstram uma ampla, porém interseccionada, variedade de temas em suas pesquisas, todas relacionadas à linha de pesquisa “Trabalho e Organizações”. Essa ampla gama que caracteriza os 14 ensaios temáticos presentes na obra visa suprir, em parte, o fôlego necessário para contemplar a classe trabalhadora em todos âmbitos dos mundos do trabalho catarinense. Além disso, assim como são amplas as categorias e dimensões de classe, são densas as complexidades que às compõe em todos os aspectos que envolvem as relações trabalhistas e a vida desses sujeitos.

A obra é resultado deste esforço e, apesar de se conectar com o passado, tem foco principalmente com o presente do Brasil no que se refere à situação do mercado de trabalho e das relações trabalhistas contemporâneas que surgem neste contexto. As pesquisas resultantes abordam o panorama brasileiro tendo como base o recorte regional de Santa Catarina, fazendo com que o leitor tenha ao mesmo tempo uma maior dimensão das particularidades dos mundos do trabalho no estado e, também, uma compreensão de parte destes processos como continuidade dos ataques que os trabalhadores e trabalhadoras brasileiros vem sofrendo desde 2016, ataques esses consolidados com a reforma trabalhista de 2017 e a reforma previdenciária de 2019.

Para alcançar diferentes dimensões da classe trabalhadora, os ensaios temáticos que abordam diferentes temas, perspectivas e setores tem seu conteúdo apresentado em três eixos principais dentro da obra, que buscam dividir e organizar o fragmentado panorama dos mundos do trabalho, são elas: I) Trabalho, trabalhadores, educação e sensibilidades; II) Trabalho, trabalhadores e as relações com o espaço rural; e III) Trabalho, trabalhadores, sindicatos no espaço urbano/fabril.

Essa divisão demonstra a importância que a obra destaca para as tensões entre trabalho e capital em diferentes contextos e, também, a relevância de abordar diferentes dimensões dessas relações para uma compreensão maior dessas tensões. Esse destaque reforça uma interpretação mais ampla sobre o conceito de classe, que contempla todas categorias de trabalhadores e trabalhadoras, fato que corrobora para que os ensaios temáticos, apesar de diferentes, em um sentido geral se aproximam um dos outros quando levamos em consideração que as experiências desses sujeitos são, em certa medida, compartilhadas.

Esse compartilhamento se dá numa lógica de hegemonia do capital, onde nos aproximamos do conceito de Antonio Gramsci. Nessa perspectiva, a dominação cultural e ideológica molda a cultura através de consensos que buscam inviabilizar os movimentos de resistência através da falta de consciência de classe. As políticas neoliberais que marginalizam a figura do trabalhador correspondem a essa ideia, entretanto, como as pesquisas da obra abordam, a luta e resistência estão presentes, e a consciência desses trabalhadores é a mesma que leva à produção de obras acadêmicas interessadas em abordar a emergência do tema.

Um exemplo dessa perspectiva está presente logo na primeira parte da obra, *Trabalho, trabalhadores, educação e sensibilidades*. Os ensaios temáticos do primeiro terço do livro abordam temas como a educação profissional técnica enquanto formadora de uma mão de obra que visa suprir as necessidades do capital industrial. Se os locais de trabalho são considerados pelos organizadores espaços políticos privilegiados para análise das tensões entre trabalho e capital, os espaços educacionais são, também, locais privilegiados para entender

*Submissão: 01/07/2025 | Aprovação: 03/07/2025 | Publicação: 07/08/2025 | DOI: [10.54805/RCE.2527-1180.v8.i2.196](https://doi.org/10.54805/RCE.2527-1180.v8.i2.196)

**Universidade do Extremo Sul Catarinense | E-mail: lucascastrocostatorres@gmail.com | ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-1619-5573>

os projetos hegemônicos que visam suprir as necessidades de mercado, isto é, os anseios do capital.

Além disso, os ensaios temáticos dessa primeira parte abordam questão relacionadas aos próprios trabalhadores da educação no estado, ampliando a discussão sobre educação em diferentes aspectos através da aproximação de diferentes pesquisas que abordam aspectos distintos da educação dentro da lógica dos mundos do trabalho.

Temáticas relacionadas à relação dos trabalhadores com a política e a mídia complementam a parte inicial do livro, trazendo à tona questões ainda atuais sobre o impacto do regime ditatorial militar nas relações trabalhistas que, entre outras questões, reforçam uma continuidade histórica de ataques e repressão perante a classe trabalhadora. Em um contexto contemporâneo, onde grupos políticos ligados a extrema direita atacam a democracia com tentativas de golpe e pedem intervenção militar, ao passo que as *fake news* ganham cada vez mais protagonismo – isso nos alerta para as IAs –, essa parte inicial contempla o impacto político e midiático nos mundos do trabalho e como isso atinge os trabalhadores e trabalhadoras nesse contexto.

Compreender as tensões e processos que envolvem a classe trabalhadora não se resume em reconhecer os desafios da classe perante o capital. Para além disso, é necessário compreender a formação da classe trabalhadora em sentido mais amplo para que haja, assim, uma aproximação da realidade de todos sujeitos pertencentes a realidades distintas enquanto setores e categorias, mas homogêneas enquanto classe.

Para isso, compreender as particularidades que envolvem essas tensões e diferenças é necessário para o fazer científico, isso envolve a necessidade de compreender as relações de gênero; as relações étnicas; os diferentes perfis; e a mais variada complexidade de relações cotidianas que envolvem todos esses fatores, como as relações com pares no dia a dia, as brincadeiras, os anseios, as questões familiares, as disputas, as amizades e inimizades e, de forma geral, todas singularidades cabíveis às relações humanas desses trabalhadores e trabalhadoras.

No que confere a este sentido, a segunda parte da obra, *Trabalho, trabalhadores e as relações com o espaço rural*, apresenta temáticas que envolvem a compreensão das questões trabalhistas direcionadas ao setor rural, levando em consideração as relações de gênero e, também, como os trabalhadores e trabalhadoras do espaço rural lidam com os desafios do avanço do capital, envolvendo precarização e a organização sindical da categoria.

O segundo terço da obra busca aproximar a discussão de gênero à emergência que o tema tem, principalmente, no espaço rural, onde o paradigma patriarcal ainda é vigente. Dentro dessa lógica, a identificação de papéis masculinos e femininos pré-determinados interfere diretamente nas relações trabalhistas, pois, é a partir dessas relações de gênero que as relações trabalhistas são gerenciadas e determinadas, como funções e a valorização ou não correspondente. A denúncia e apresentação do tema nessa segunda parte do livro reforça a necessidade de não permitir que as disputas de classe sejam maiores que outros movimentos sociais.

Além disso, compreender a necessidade dessa temática é reconhecer o amplo sentido de classe, onde todos sujeitos que à compõem compartilham experiências, mas que, como no caso em questão, alguns sujeitos ainda tem de lidar com outras lutas que envolvem seu reconhecimento e valorização, complementando a já densa e complexa tensão entre trabalho e capital.

Essas subjetividades não surgem nesta segunda parte com o intuito de dividir a denúncia e intenção original da obra, ao contrário, surge como um esforço de compreender todas dinâmicas existentes nos mundos do trabalho que são providas de questões que abrangem todos aspectos sociais dos trabalhadores e trabalhadoras. Um exemplo disso são as questões abordadas também nessa parte relacionadas a precarização do trabalho desses trabalhadores e trabalhadoras no espaço rural, que estão diretamente ligadas a questões de classe, mas, também, às relações de gênero sobrepostas sobre elas.

Os desafios que envolvem as relações de trabalho nos mundos do trabalho são providos por questões políticas, sociais e culturais. Portanto, a ideia de compartilhamento de experiências, fundamentais para uma concepção de consciência de classe, parte também de uma lógica de pertencimento, algo diretamente ligado à resistência dos trabalhadores e trabalhadoras.

Nesse sentido, são múltiplos os fatores que levam ao sentimento de pertencimentos dos indivíduos a algum lugar, grupo e/ou classe social. A origem, língua, costumes, etnia e outros aspectos culturais são partes integrantes para esse conglomerado de fatores a serem levados em consideração. Esses fatores não só podem, como geralmente são superados pelas experiências de classe compartilhadas pelos trabalhadores e trabalhadoras, entretanto, não devemos ignorá-los no que se refere à discussão de classe e de relações trabalhistas.

A parte final da obra colabora com essa afirmação. É no terço final do livro, intitulado *Trabalho, trabalhadores, sindicatos no espaço urbano/fabril*, que os ensaios temáticos incorporam as discussões trazidas até aqui dentro do contexto da cidade e das relações trabalhistas que à compõem. Entre essas discussões ganham protagonismo temas como a questão dos migrantes inseridos na disputa entre trabalho e capital, a interseccionalidade como estudo perante as relações trabalhistas e o perfil e movimentos por parte dos trabalhadores de indústrias em Santa Catarina.

Nesse último terço se reconhece uma aproximação entre as discussões que envolvem os migrantes e, em complementação à segunda parte da obra, desta vez no espaço urbano, que envolvem relações de gênero.

Essas discussões ganham protagonismo pois reconhecem nessas temáticas pontos de precarização em destaque dentro das relações trabalhistas reconhecidas pelos autores e autoras. Portanto, a questão de gênero e a questão migrante são aspectos que caracterizam

camadas mais complexas dentro da lógica de disputa presente entre trabalho e capital, isso se dá, entre outros fatores, por que tais temas envolvem a questão da precarização de grupos específicos em uma lógica de desvalorização seletiva de mãos de obra.

É relevante destacar que se, de forma geral, a precarização atinge todos trabalhadores, quando colocamos em perspectiva tais grupos se reconhece que a lógica do capital aflige com mais ou menos veemência de acordo com aspectos que estão para além dos aspectos econômicos, baseados, portanto, em uma lógica racial, política e de gênero.

A terceira parte encerra, portanto, o esforço da obra em destacar as tensões entre trabalho e capital em diferentes contextos, levando em consideração uma relação permanente entre passado e presente através de temáticas que envolvem condições de trabalho, acidentes trabalhistas, cultura fabril e a organização por parte dos trabalhadores e trabalhadoras.

Abertamente posicionado e autointitulado como canal de visibilidade para as pesquisas recentes sobre os mundos do trabalho, o livro supre sua intenção política sem abrir mão de seu vigor acadêmico, se constituindo como uma obra científica relevante e, diga-se de passagem, extremamente necessária para o atual contexto trabalhista brasileiro, onde as políticas trabalhistas são cada vez mais atacadas e negligenciadas. É um livro feito para seus pares, e não me refiro somente aos colegas acadêmicos, mas sim aos trabalhadores e trabalhadoras catarinenses que, apesar das adversidades e dificuldades, resistem.